

Donald Trump depois da condenação



Por **ADAM TOOZE***

Os dilemas para o capital corporativo começam quando passamos de cenários sombrios para questões mais normais de política e regulação. Para muitas empresas é difícil argumentar que uma administração Republicana será melhor para os lucros

1.

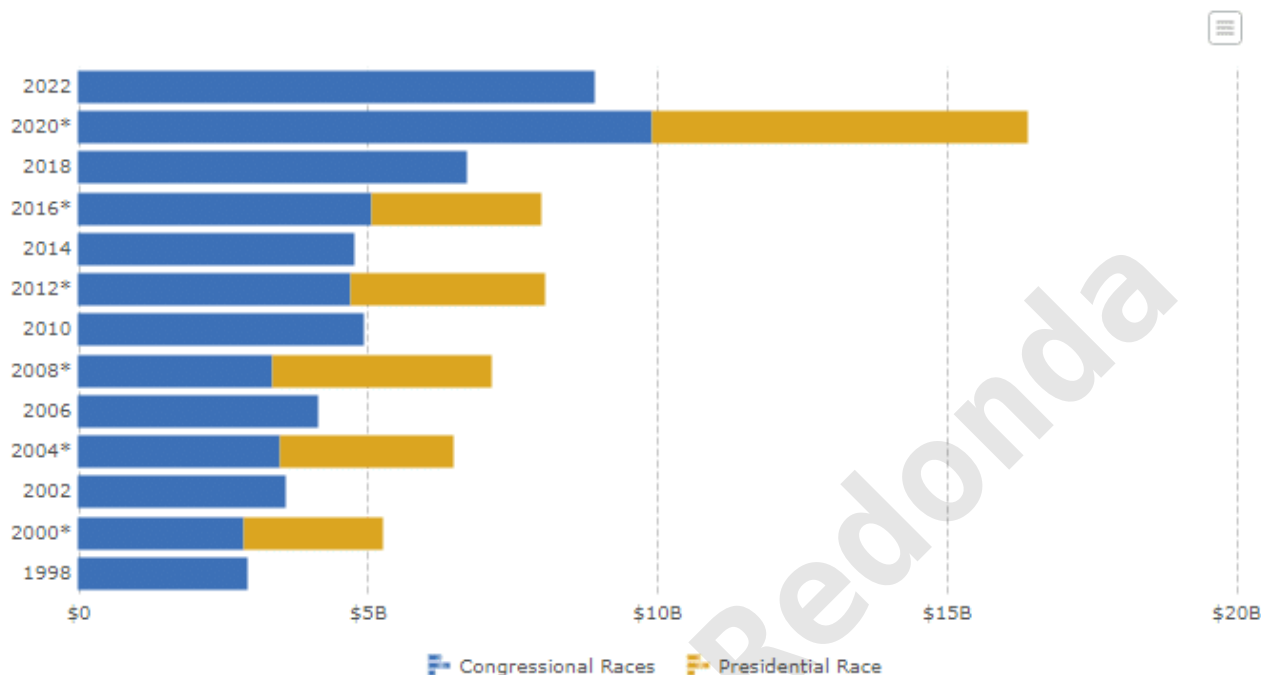
“Sou um homem muito inocente”, disse Donald Trump momentos depois que um júri popular o declarou unanimemente culpado de todas as acusações. Esta é, em poucas palavras, a realidade com a qual se defrontam os Estados Unidos. Um de seus dois principais candidatos à Casa Branca é um condenado cuja campanha se baseia na alegação de que o sistema é manipulado. O candidato do Partido Republicano junta-se agora ao seu ex-diretor de campanha, conselheiro político sênior, principal estrategista da Casa Branca e conselheiro de segurança nacional como um criminoso condenado.

A rapidez e a unanimidade do júri deixam poucas dúvidas quanto à impermeabilidade do veredito. ...Independentemente do que seus advogados aconselhem, o tribunal de apelação de Donald Trump será o eleitorado dos EUA. Um júri de Nova Iorque mostrou que ninguém está acima da lei. Seus concidadãos americanos poderão anular isso em novembro. A maioria do mais alto tribunal do país (a Suprema Corte) está do lado de Donald Trump. Mas o único tribunal que importa agora é a cabine de votação. Até lá, é prematuro dizer que o sistema dos EUA está funcionando.

A coluna de Ed Luce no *Financial Times* em resposta ao veredito de Trump expõe de forma brilhante o que está em jogo na sequência dos vereditos de culpa. Nas próximas eleições nos EUA, a mecânica básica da democracia e o próprio Estado de direito serão postos à prova. Donald Trump declarou abertamente que procura sua vingança nas urnas. E também deixou bem claro que só aceitará um resultado das eleições.

Em última análise, serão os eleitores individuais que decidirão o resultado da votação. Mas na democracia americana moderna, antes de se chegar à cabine de votação, há a economia política da campanha, na qual o que conta não são os votos, mas os dólares. Impressionantes 16,4 bilhões de dólares foram gastos nas eleições federais em 2020, incluindo 6,5 bilhões de dólares para a corrida presidencial.

Note: Numbers have been adjusted for inflation.



Fonte: [Open Secrets](#)

Ambos os lados correm um contra o outro para angariar doações grandes e pequenas. Estas fornecem um mapa do alinhamento político, do dinheiro e do poder na sociedade americana. No momento atual, mapeiam também a relação entre os interesses e os próprios princípios da Constituição dos EUA.

O que acontecer entre o veredito de Nova Iorque e o dia previsto para a tomada de posse, em 20 de janeiro de 2025, será um teste abrangente para a sociedade americana, centrado nas escolhas individuais dos 244 milhões de cidadãos aptos a votar. Mas isso vai muito além deles.

Referi-me ao dia da tomada de posse, 20 de janeiro de 2025, e não ao dia das eleições, 5 de novembro de 2024, como o verdadeiro ponto de chegada desta luta, porque se o resultado das eleições for contestado, como pode muito bem ocorrer, as forças sociais, para além dos tribunais e das urnas, estarão de volta ao jogo. Foi o que testemunhamos entre novembro de 2020 e janeiro de 2021, quando uma grande coalizão de poderosos grupos de interesse se mobilizou para garantir a tomada de posse de Joe Biden contra os esforços de Donald Trump para anular o resultado das eleições.

A lei é um mecanismo, mas é construída por forças sociais e tem que ser posta em movimento por elas.

Num ato frequentemente ignorado, mas significativo, no dia das eleições, 3 de novembro de 2020, o principal sindicato dos trabalhadores americanos, a AFL-CIO, e seu tradicional adversário, a Câmara de Comércio Americana, representando as empresas, juntamente com a Dra. Barbara Williams-Skinner, líder da Rede Nacional do Clero Afro-Americano juntaram-se para emitir uma [declaração conjunta](#) exigindo que a contagem eleitoral fosse conduzida com pleno respeito à lei. Capital e trabalho organizados, já que existem na América do século XXI, juntamente com os líderes comunitários, declararam seu interesse comum no funcionamento do devido processo legal e da constituição.

Olhando para trás, é uma questão em aberto se este tipo de manifestação corporativista em torno da Constituição dos EUA teria acontecido se o presidente Democrata eleito não tivesse sido Joe Biden, mas Bernie Sanders. A questão nunca foi posta à prova. E isso não foi por acaso. Um dos fatores que motivaram a escolha fatídica de Joe Biden em 2020 foi que ele

era um “prudente par de mãos” que não provocaria um líder empresarial a concorrer como um terceiro candidato, dividindo o voto do Partido Democrata e abrindo a porta para uma reeleição de Donald Trump.

Assim, a mobilização aparentemente bipartidária e republicana em torno da Constituição em 2020 teve como uma de suas condições implícitas um estreitamento do escopo de escolha política, para excluir a esquerda. Na política americana, naquele momento, o antagonismo esquerda-direita, as personalidades, as diferentes concepções de ordem social, os interesses sociais e os mecanismos da máquina jurídica estão todos simultaneamente em jogo.

Além disso, as escolhas dependem da trajetória. As escolhas feitas em 2024 dependerão de toda a cadeia de eventos desde 2016. E, apesar de toda esta complexidade multidimensional, o mais incrível é que as sondagens são muito próximas. A América parece estar quase uniformemente dividida entre os dois lados.

Então, como, depois do veredito de culpado de Donald Trump, o dinheiro americano, os negócios, os interesses corporativos – o capital no sentido mais amplo – se alinharão nesta batalha decisiva para o futuro político da América?

2.

A primeira coisa a dizer – para romper por um momento a bolha de indignação liberal – é que Donald Trump e seus seguidores devotos têm sua própria teoria da crise constitucional. Para eles, o fato de Donald Trump – “um homem muito inocente” – ter sido julgado, significa uma politização flagrante e desastrosa da lei.

A outra versão deste diagnóstico trumpista de crise é mais cínica. Em vez de insistir na inocência de Donald Trump, argumenta que a América é um pântano repleto de impasses, acordos, evasões, ilegalidades rotineiras e não tão rotineiras, etc. Donald Trump é um dos atores deste pântano. Vangloria-se abertamente de evitar os impostos, tanto quanto lhe é possível.

Mas Donald Trump é apenas um jogador entre muitos. Joe Biden e seu séquito, tal como os Clintons antes dele, também são todos “tortuosos”. Todos os que “sabem” compreendem estes fatos da vida americana. Todos os que são alguém “joga o jogo”. A crise consiste no fato de que os Democratas, de modo santimonial, escolhem atormentar Donald Trump e usar a lei como arma contra ele, enquanto ignoram os pecadilhos de seu próprio lado.

Concordemos ou não, estas narrativas exercem uma poderosa atração sobre os apoiadores de Donald Trump. A primeira reação deles aos vereditos de culpa foi inundar os sites de arrecadação de fundos Republicanos com doativos, provocando a queda de pelo menos um deles.

Não foram apenas os pequenos doadores que reagiram desta forma. Vários doadores na ordem dos milhões de dólares declararam publicamente que, na sequência dos vereditos, apostariam novamente em Donald Trump. Como [Alexandra Ulmer informa na Reuters](#), “numa onda de apoio na quinta-feira, megadoadores, incluindo a bilionária de cassinos Miriam Adelson e o hoteleiro Robert Bigelow, alinharam-se atrás de Donald Trump, com seus doativos destinados a reforçar uma onda de anúncios pró-Trump, bater às portas e fazer ligações telefônicas em estados decisivos. O veredito também levou alguns doadores de longa data de Trump a aumentar seu apoio financeiro a ele – e, pelo menos em um caso, a fazer uma grande doação pela primeira vez”.

Será que a condenação criminal não os afasta?, você poderia perguntar. Talvez. Mas a maioria dos americanos, especialmente os americanos ricos, considera os tribunais, em parte por experiência própria e em parte por tradição, não como locais neutros para encontrar a verdade ou a justiça, mas como arenas de “lawfare”. Se Donald Trump perdeu uma batalha, é tempo de nos unirmos e de nos certificarmos duplamente de que ele ganha a guerra.

Se olharmos mais de perto para o séquito dos megadoadores de Donald Trump, vemos que são um grupo misto. Grande parte do apoio de Trump vem de um punhado de indivíduos super-ricos que se opõem a Biden e apoiam Trump por razões

que não têm nada a ver imediatamente com suas próprias fortunas ou com a economia.

Uma análise da [ProPublica](#) de um grupo de doadores que começou dando somas significativas de dinheiro à causa Republicana, só após a vitória de Donald Trump em 2016 identificou inúmeros grupos sobrepostos. Um grupo é constituído por verdadeiros crédulos da teoria da “grande mentira”, como os sócios da fortuna dos supermercados Fancelli, que pagaram o malfadado comício de 6 de janeiro de 2021.

Outro grupo distinto de megadoadores são seguidores de teorias da conspiração online de vários tipos, que colocam suas fortunas, adquiridas através de negócios ou heranças, por trás das muitas receitas que Donald Trump adotou num momento ou outro. Depois, há os seguidores pessoais de Trump, incluindo advogados ricos, companheiros de golfe, etc.

Em suma, é um grupo heterogêneo. Mas isso é tudo o que se precisa. Os Estados Unidos têm muita gente rica, mas você só precisa de meia-dúzia deles, mesmo que mal-ajambrados, para angariar as centenas de milhões de dólares necessárias para impelir uma campanha presidencial.

Depois, há os verdadeiros pesos pesados. A bilionária dos cassinos Miriam Adelson, mulher do falecido Sheldon Adelson, que morreu em 2021, foi a principal responsável pela arrecadação de fundos em grande escala para Donald Trump. Steve Schwarzman, o multibilionário fundador do grupo de capital privado Blackstone, foi um dos primeiros apoiadores de Donald Trump. Ele desistiu em 2017, após o fracasso de Trump em condenar o comício de supremacistas brancos em Charlottesville. Mas agora Schwarzman está de volta. De acordo com o [FT](#), “numa declaração, Schwarzman citou “o aumento dramático do antissemitismo” como parte da razão para regressar ao campo de Trump, acrescentando que acreditava que as políticas do presidente Joe Biden estavam mal orientadas”. “Compartilho a preocupação da maioria dos americanos de que nossas políticas econômicas, de imigração e externas estão levando o país na direção errada”, afirmou Schwarzman numa declaração na sexta-feira. “Por estas razões, estou planejando votar pela mudança e apoiar Donald Trump para presidente”.

Steve Schwarzman é uma figura central. Apesar de suas motivações particulares, para onde seu dinheiro for, outros o seguirão.

O bilionário dos fundos de cobertura John Paulson é uma figura igualmente influente. Recentemente, organizou um evento para Donald Trump em Palm Beach, na Florida, que rendeu 50 milhões de dólares de uma só vez. O evento contou com a presença de megadoadores dos Republicanos de longa data, como o investidor de fundos de cobertura Robert Mercer e sua filha e ativista conservadora Rebekah, além do investidor Scott Bessent e do magnata dos casinos Phil Ruffin.

Todos os atores desta lista já possuem uma riqueza gigantesca. Os donativos políticos constituem uma pequena fração de suas despesas. Migalhas, na maior parte dos casos. Mobilizam-se em torno de Donald Trump devido a um sentimento geral de apoio à sua visão da América e aos receios que afirmam ter sobre o tipo de América que poderá emergir se os Democratas mantiverem a Casa Branca. Isto afeta sua riqueza. E uma presidência de Donald Trump será boa para suas fortunas. Mas as motivações são sobretudo políticas, num sentido mais amplo.

3.

Se procurarmos por pessoas cujos negócios estão mais diretamente ligados ao seu apoio a Trump, é tentador olhar para as finanças ou para os grandes interesses do petróleo e do gás. Uma entrevista ao [FT](#) é típica: “Um advogado sênior de uma corporação em Nova Iorque disse que Trump também estava fazendo incursões com Democratas desiludidos de Wall Street”. “A mensagem do Partido Democrata tem sido terrível”, disse o advogado, que pediu para não ser identificado por receio de críticas de amigos e colegas. “Os Democratas de Wall Street ainda são pró-capitalismo”, acrescentou. “Infelizmente, há muita gente de extrema-esquerda que sequestrou o partido... não compreendem o que é preciso para conquistar o país”. Trump seria um “acéfalo para nossa indústria... ficaremos mais ricos se ele ganhar”, disse um executivo de participações privadas que gere dezenas de bilhões de dólares nos setores de mídia, tecnologia e varejo. “Mas não

posso tornar públicas minhas opiniões porque serei imediatamente cancelado... muitos dos nossos clientes começariam imediatamente a boicotar os serviços e produtos vendidos pelas empresas de nossa carteira”, acrescentou o executivo.

Não há inibições deste tipo que limitem os empresários que apoiam Donald Trump fora das grandes cidades liberais como Nova Iorque.

Como [Michael Cuenco destaca no UnHerd](#), foi derramada uma enorme quantidade de tinta sobre o trumpismo da classe trabalhadora. E ainda mais sobre cada um dos bilionários de Donald Trump. Mas ao fazê-lo, ao concentrarmo-nos tanto nos extremos, na classe trabalhadora e nos ultrarricos, ignoramos muitas vezes a grande maioria das pessoas que são ricas na América moderna. Não vemos a floresta pelas árvores. Ignoramos o que se tornou conhecido como a “aristocracia americana” (Wyman).

Há 140.000 pessoas que ganham mais de 1,58 milhão de dólares por ano – ricas segundo qualquer definição. Não são, em seu conjunto, magos das tecnologias financeiras.

Como [Alexander Sammon](#) disse numa excelente reportagem para a *Slate*: “Os vendedores de automóveis são uma das cinco profissões mais comuns entre os [0,1% dos americanos](#) que ganham mais dinheiro. Os vendedores de carros, os proprietários de postos de gasolina e os empreiteiros da construção civil constituem a [maioria](#) dos 140.000 americanos que ganham mais de 1,58 milhão de dólares por ano. Analisando os números do U.S. Census Bureau, o cientista de dados e autor Seth Stephens-Davidowitz descobriu que [mais de 20%](#) das concessionárias de automóveis nos EUA têm um proprietário que ganha mais de 1,5 milhão de dólares por ano. E os donos de concessionárias de automóveis não são apenas um dos grupos demográficos mais ricos dos Estados Unidos. São também uma das facções políticas mais organizadas – um império conservador que dá milhões de dólares a políticos nos níveis local, estadual e nacional”.

O que Patrick Wyman, escrevendo no *The Atlantic* em 2021, apelidou de “a [aristocracia americana](#)” é um eleitorado central para Trump: “A realidade da riqueza e do poder americanos é... banal. As celebridades que consomem conspicuamente e os cosmopolitas que viajam de jatinho do imaginário popular existem, mas são em muito maior número do que um grupo de elite menos exaltado e menos discutido, que se situa no topo das hierarquias locais que governam a vida cotidiana de dezenas de milhões de pessoas. Donald Trump compreendeu a existência deste grupo e sua importância, atuando, como faz frequentemente, por instinto irrefletido mas eficaz. Quando falou de seus “belos velejadores”, elogiando as flotilhas de apoiadores que hasteavam bandeiras MAGA [*Make America Great Again*] em suas embarcações em sua homenagem, ou quando se dirigiu aos seus devotos seguidores no meio de uma multidão desordeira no dia 6 de janeiro, que incluía pessoas que tinham voado para o evento em jatinhos privados, ele sabia o que estava fazendo. Trump estava cortejando o apoio da aristocracia americana, os milionários que se vêem como líderes locais nos negócios e na política, a espinha dorsal não apreciada de uma nação outrora grande”. “A riqueza destas elites não deriva de seu salário – é isso que as separa até mesmo dos membros extremamente prósperos da classe profissional-gerencial, como médicos e advogados –, mas da posse de ativos. Esses ativos variam de acordo com o local do país de que estamos falando; podem ser um conjunto de franquias do McDonald’s em Jackson, no Mississippi; uma fábrica de processamento de carne em Lubbock, no Texas; uma empresa de construção em Billings, em Montana; propriedades comerciais em Portland, no Maine; ou uma concessionária de automóveis no oeste da Carolina do Norte. Mesmo as regiões menos prósperas dos Estados Unidos geram excedentes suficientes para produzir uma classe de pessoas ricas. Dependendo da cultura política e das instituições de uma localidade ou região, esta classe de elite pode exercer mais ou menos poder político. Em alguns locais, possui um controle efetivo sobre o que é feito; em outros, é importante mas não é todo-poderosa”.

“Um número enorme de organizações e instituições dedica-se a defender os interesses desta classe aristocrática: câmaras de comércio, clubes exclusivos e empreendimentos habitacionais, a Sociedade Americana de Empreiteiros de Concreto e associações de fruticultores, só para citar uma pequena amostra. Através destas organizações e de seus laços íntimos com a política local e estadual, a classe aristocrática pode exercer, e normalmente exerce, um poder significativo para moldar a sociedade a seu gosto. É fácil concentrarmo-nos nos dispêndios políticos massivos de um Sheldon Adelson ou de um Michael Bloomberg; é mais difícil, mas não menos importante, imaginar que tipo de acordos sobre os direitos da água ou

sobre as leis locais de ordenamento do território estão sendo celebrados em todos os EUA no campo de golfe do clube local”.

Como Sammon demonstrou em sua análise do *lobby* dos proprietários de concessionárias de automóveis nos Estados Unidos, a prosperidade e poder deles dependem fundamentalmente da ação coletiva para defender seus ativos em nível nacional. As concessionárias de automóveis nos Estados Unidos são um negócio definido por relações exclusivas com os fabricantes de automóveis que, até a chegada da Tesla, conseguiram excluir as vendas diretas do produtor ao consumidor. Esta “indústria” não tem escolha quanto a envolver-se ou não em política e *lobby*, suas enormes margens de lucro dependem da defesa de seu poder de monopólio. Sua riqueza, meios de subsistência, *status*, identidade e posição na sociedade dependem da ação política.

A questão crucial é saber quais os políticos que mais claramente compreendem esses interesses. E é óbvio que Donald Trump e o Partido Republicano compreendem. Não se trata de uma questão de ideologia econômica sofisticada. Não estão defendendo noções ingênuas como “o mercado livre”. Estão defendendo um interesse e apoiam com todo seu peso o lado Republicano, não por uma questão de capricho político, como no caso de Schwarzman ou Paulson, mas porque suas vidas dependem disso.

4.

Como Wyman descreve corretamente, as eleições são assim: “O poder reside nos condomínios fechados e nos conselhos filantrópicos locais, na posse de um número espantoso de franquias de fast-food e na transmissão sutil dos ativos de uma grande empresa de construção para uma nova geração de proprietários de pequenos iates. O poder pode ser encontrado em fotografias de grupo de homens meio embriagados, com excesso de peso e camisas pólo mal ajustadas, e nos milionários prontos e dispostos a voar em seus jatinhos privados para Washington, D.C., em apoio a um certo aspirante a autoritário. O desenvolvedor de programas para condomínios de luxo, o proprietário milionário de um frigorífico, o empresário de gestão de propriedades: são estas as pessoas que, lembrando ou inventando sua tradição de dominação sobre cidades grandes e pequenas, acorreram ao *Make America Great Again*. Por muito que os Estados Unidos gostem de se considerar um paraíso igualitário aberto a talentos de todo o tipo, a hierarquia e o poder local também fazem parte do jeito americano”.

Na defesa vigorosa de Donald Trump em relação a janeiro de 2021, que razões existem para acreditar que esta formação social se afastará por causa de um “julgamento partidário” num tribunal “manipulado” de Nova Iorque, por causa de uma pequena questão de suborno?

Comparada com a turba de motoqueiros ou com o punhado de bilionários que perseguem seus objetivos pessoais, a candidatura de Trump em 2024 coloca a América empresarial numa posição muito mais difícil.

Como comenta Jeffrey Sonnenfeld, de Yale, na revista [Time](#): “Os palpites de que os diretores executivos estão entusiasmados com o retorno de Donald Trump não se baseiam em qualquer apoio declarado em primeira mão pelos diretores executivos. Há mais de 40 anos que trabalho de perto com os 1000 principais diretores executivos do país. O apoio a Trump [caiu para praticamente zero](#) entre os principais diretores executivos e, em grande parte, eles não querem ter nada a ver com ele agora. Ao mesmo tempo, não há qualquer incentivo para o condenarem na ausência de qualquer abuso de poder atual, mas não hesitaram em fazê-lo antes e, tenho certeza, não hesitarão em falar novamente se ele não se comportar. ... conheço Trump pessoalmente há 20 anos... ele não é amigo de muitos líderes empresariais importantes e poucos o viam como um verdadeiro colega – uma vez que nunca tinha dirigido uma grande empresa aberta global”.

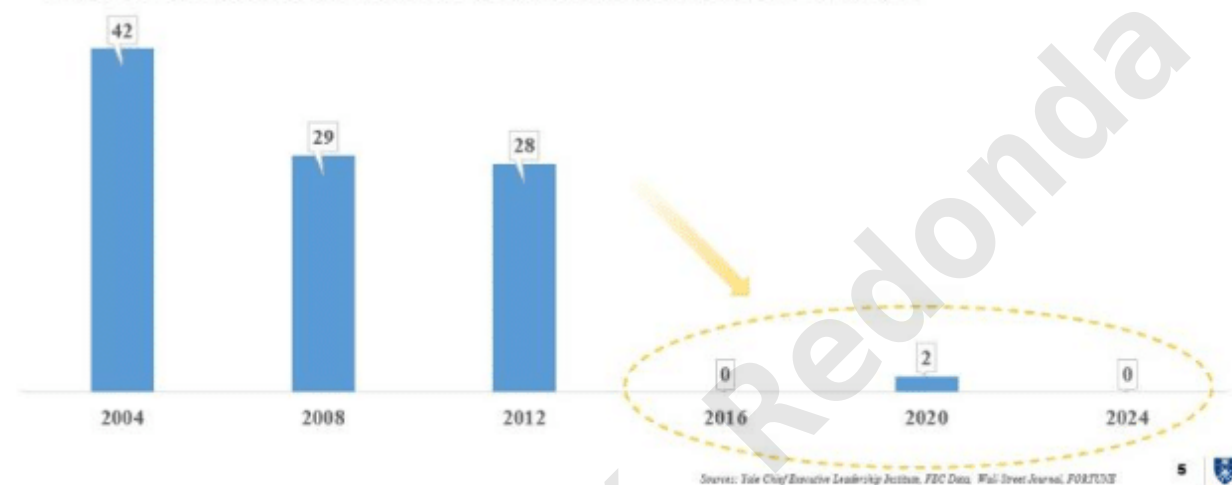
Como destaca Sonnenfeld, o dinheiro fala. A maioria dos líderes empresariais nos EUA são Republicanos por preferência política básica. Mas como a política americana se polarizou e o Partido Republicano passou a ser dominado pelo populismo (começando com Sarah Palin), os líderes empresariais já não optam por expressar sua política pessoal através de donativos. Enquanto 42% dos líderes da *Fortune 100* contribuíram para a reeleição de George W. Bush em 2004, Donald

Trump não recebeu praticamente nenhum apoio pessoal dos líderes empresariais americanos.



Trump Support Plummetts to Virtually Zero Among Major CEOs

Number Of FORTUNE 100 CEOs Who Donated To Republican Presidential Candidate Each Election Cycle



Courtesy of Jeffrey Sonnenfeld

Fonte: [Time](#)

Como um conhecido professor de administração da Universidade de Yale, [Sonnenfeld esteve pessoalmente envolvido na reunião de grandes grupos de diretores executivos americanos após as eleições contestadas de novembro de 2020](#) e na sequência do motim de 6 de janeiro de 2021, em que os líderes empresariais condenaram a tentativa de anulação de processos legais básicos.

Como [Molly Ball descreve na Time](#), houve, no outono de 2020, algo semelhante ao que ela, infelizmente, descreve como uma “conspiração” que “reduziu os protestos e coordenou a resistência dos diretores executivos. Ambas as surpresas foram o resultado de uma aliança informal entre ativistas de esquerda e titãs empresariais. O pacto foi formalizado numa concisa declaração conjunta da Câmara de Comércio dos Estados Unidos e da AFL-CIO, publicada no dia das eleições. Ambos os lados o viam como uma espécie de acordo implícito – inspirado pelos protestos massivos e, por vezes, destrutivos no verão contra a justiça racial – em que as forças do trabalho se juntaram às forças do capital para manter a paz e se oporem ao ataque de Trump à democracia”.

Há uma remodelação na cultura do capital empresarial dos EUA. Pode ser verdade que a maioria dos líderes empresariais americanos é Republicana, mas a tonalidade de seu Republicanismo é marcadamente diferente do vermelho vivo do MAGA.

Como [observou Sonnenfeld](#), o esforço para impedir o golpe de Trump em 2020-2021, “destacou uma mudança geracional que está ocorrendo nas atitudes cívicas coletivas da classe dos CEOs. Seus efeitos são evidentes em Washington, onde a aliança de longa data entre as grandes empresas e o Partido Republicano está ruindo. Os Republicanos do Congresso divorciaram-se da Câmara de Comércio; a arrecadação de fundos do Partido Republicano junto às empresas diminuiu; os ancoras da Fox News e os conservadores incendiários falam do “capital desperto” [“woke capital”] e apelam por políticas punitivas e antimercado livre como retaliação. Muitas das empresas e grupos empresariais que resistiram implacavelmente

a Barack Obama mostraram-se surpreendentemente amigáveis com Biden, apoiando parte de sua agenda doméstica de grandes gastos e apoiando suas exigências às empresas privadas contra a Covid-19. Os observadores políticos de ambos os partidos tendem a atribuir estes desenvolvimentos às pressões que as empresas enfrentam, externa, por parte dos consumidores, e internamente, por parte de seus trabalhadores. Mas Sonnenfeld, que está em posição de saber, argumenta que isso provém igualmente das mudanças de opinião dos próprios diretores executivos”.

De forma reveladora, apesar de 75% dos CEOs se identificarem como Republicanos, em 2016, 75-80% apoiaram Hillary Clinton.

Mas, para além das preferências pessoais, esta pode ser uma questão mais fundamentalmente de sociologia e cultura organizacionais. Não é possível gerir uma grande organização com uma polarização política extrema ou sem respeito pelos procedimentos legais e administrativos básicos. [O CEO da Expensify](#) colocou a questão em termos memoráveis quando apelou, no outono de 2020, aos 10 milhões de usuários de seu software de contabilidade para votarem em Joe Biden porque “não são apresentados muitos relatórios de despesas durante uma guerra civil”. Será que o ponto de vista de Max Weber sobre o cálculo e a regra estável foi alguma vez apresentado de forma mais sucinta?

Os dilemas para o capital corporativo começam quando passamos de cenários sombrios de guerra civil ou de derrubada insurrecional para questões mais normais de política e regulação. Para muitas empresas, é difícil argumentar que uma administração Republicana, seja ela chefiada por um criminoso condenado ou não, será melhor para os lucros, pelo menos no curto prazo. E lucros é ao que elas se dedicam a obter.

Numa reunião de homens do petróleo, realizada em Mar-a-Lago há algumas semanas, [Trump sugeriu casualmente](#) que uma doação de um bilhão de dólares seria um preço barato a pagar para o eleger, tendo em vista os benefícios que pretende dar à indústria do petróleo e do gás. Beirou a ilegalidade. Não é permitido vender política de forma tão aberta. [Uma comissão do Senado está investigando](#). Mas os homens de negócios na sala terão percebido a mensagem.

Os interesses americanos no setor de petróleo e gás tiveram um desempenho brilhante durante a administração de Joie Biden, mas Donald Trump está oferecendo a eles ainda mais benefícios com menos restrições. Seria surpreendente se, independentemente de seu registro criminal e de seu desrespeito pela Constituição, Trump não dominasse a arrecadação de fundos, o tráfico de influência e os votos em grande parte da indústria petrolífera.

Na área financeira de Wall Street, a direção está muito diferente. Tornou-se mais diversificada e significativamente mais alinhada com o Partido Democrata. Isto começou ao menos na década de 1990, com o papel central de Rubin na administração Clinton. Jamie Dimon, o principal banqueiro de sua geração, curvou-se em 2020. Seus comentários aparentemente positivos sobre Donald Trump no início de 2024 foram retirados do contexto e mal interpretados. Muito mais revelador é seu famoso gracejo de que gerir um banco na era moderna requer a assistência de um psiquiatra e de um advogado. Uma presidência Donald Trump só piora esse duplo dilema.

5.

Mas também em relação às finanças, é evidente que a regulamentação bancária sob a égide dos Democratas tem sido mais onerosa do que seria sob a égide de Donald Trump. É revelador que quanto mais nos afastamos de Nova Iorque – basta ir até Nova Jersey ou Long Island – e quanto mais nos afastamos da parte das finanças representada pelos grandes bancos, mais aumenta o apoio a Trump. Não é por acaso que alguns dos mais importantes apoios financeiros de Donald Trump provêm dos fundos de cobertura e dos grupos de capital privado, que são muito menos limitados pelas convenções educadas da América corporativa do que os grandes bancos.

A mesma lógica de diferenciação no seio da comunidade empresarial aplica-se também ao mundo da tecnologia. Os nomes dos gigantes da tecnologia – Microsoft, Apple, etc. – mantêm-se educadamente distantes da disputa até terem que lidar efetivamente com uma administração Donald Trump. Nesse momento, é claro, começam a atuar. A esmagadora maioria do

a terra é redonda

pessoal da tecnologia inclina-se para os Democratas e faz doações de acordo com isso. Mas um punhado de [nomes proeminentes do Vale do Silício](#), não necessariamente os maiores, mas suficientemente grandes para fazer diferença substancial na arrecadação de fundos para a campanha, tem se manifestado ostensivamente a favor de Trump, como que para polir suas credenciais de “outsiders” e dissidentes.

Além disso, estão encontrando menos resistência à medida que se manifestam abertamente: “Jacob Helberg, um executivo sênior da Palantir que deu centenas de milhares de dólares à campanha de Biden em 2020, anunciou recentemente uma doação de 1 milhão de dólares à campanha de Trump. Ele disse que as políticas de fronteira do ex-presidente e sua postura pró-Israel e anti-China estavam por trás de sua mudança em relação ao Partido Democrata. “Quando pessoas como Palmer [Luckey], eu mesmo ou David Sacks apoiam abertamente Trump, não estamos enfrentando o mesmo tipo de reações e repercussões que teríamos há oito anos”, disse Helberg.

É claro que, do ponto de vista da administração Biden, tudo isto é muito frustrante. Eles não se veem de forma alguma como hostis aos negócios dos Estados Unidos. Pelo contrário. A administração tem defendido todos os tipos de empresas americanas de todas as formas possíveis.

O que a política econômica de Joe Biden pretende é proporcionar condições decentes aos trabalhadores e aos consumidores, concorrência leal e investimentos visionários no futuro da América. Tudo isto, no longo prazo, seria bom para a economia, a sociedade e as empresas americanas. Na opinião deles, seu único conflito com as empresas americanas corresponde à questão de saber se adota-se uma visão de longo ou curto prazo, ampla ou estreita, de interesse próprio. E pelo menos alguns setores do mundo empresarial organizado americano compreendem isto perfeitamente.

Mas isso não garante o firme apoio deles a Joe Biden, mesmo quando a Constituição está claramente em jogo. Significa simplesmente que já estão se preparando para defender as partes da legislação de Biden de que gostam de um ataque de Donald Trump.

Surpreendentemente, como [noticiou o Politico](#), a Câmara de Comércio e o Instituto Americano do Petróleo anunciaram que procurarão defender partes específicas da política climática assinada por Biden, a Lei de Redução da Inflação: “Dois dos mais poderosos grupos industriais de tendência Republicana de Washington estão preparando-se para defender a lei climática do presidente Joe Biden se o Partido Republicano retomar a Casa Branca no próximo ano – estabelecendo uma potencial colisão entre as grandes empresas e uma futura administração Trump. A Câmara de Comércio dos EUA e o Instituto Americano do Petróleo opuseram-se amplamente à Lei de Redução da Inflação há dois anos, quando o Congresso a aprovou inteiramente com votos Democratas. Ambos os grupos se opuseram aos principais aspectos da estratégia climática de Biden, especialmente seus esforços para mudar as regras sobre análises ambientais federais e pausar as aprovações de exportação de gás natural. Mas a lei também contém centenas de bilhões de dólares em benefícios fiscais e despesas que poderiam beneficiar membros-chave de ambos os grupos comerciais poderosos – incluindo dinheiro para a fabricação avançada de tecnologias de energia limpa. As empresas petrolíferas, em particular, [manifestaram interesse](#) em potenciais oportunidades de negócio oferecidas pela lei do clima, tais como projetos que [produziriam combustível de hidrogênio](#) e [capturariam e armazenariam dióxido de carbono](#)”.

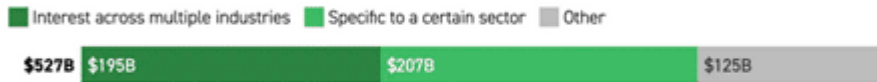
“As empresas defenderão a Lei de Redução da Inflação”, disse Christopher Guith, vice-presidente sênior do Instituto de Energia Global da Câmara, acrescentando que a Lei de Redução da Inflação é fundamental para “a segurança energética, a competitividade e os negócios para a transição energética”. O presidente do Instituto Americano do Petróleo, Mike Sommers, disse ao E&E News do *Politico*, numa conferência sobre energia em Houston em março, que o *lobby* do petróleo e do gás estava pronto para lutar para manter partes da lei intactas – apontando especificamente para os créditos fiscais de hidrogênio e captura de carbono. “Trabalharemos vigorosamente para garantir que as disposições que apoiamos na Lei de Redução da Inflação sejam mantidas durante uma possível administração Trump”, disse ele, acrescentando: “Esta sempre foi uma organização bipartidária. A indústria é bipartidária”.

É impressionante como esta ação defensiva combina grandes chavões como “a transição energética” – emprestados da

equipe de Biden – com a defesa de créditos fiscais específicos. Há até gráficos que quantificam as partes exatas da Lei de Redução da Inflação que trazem benefícios a combinações particulares de interesses industriais.

Multiple industry groups could defend the bulk of Inflation Reduction Act tax breaks

Estimated cost of Inflation Reduction Act tax breaks benefiting major industries



Note: The Committee for a Responsible Federal Budget compiled estimates in 2023 using multiple reports from the Joint Committee on Taxation. Estimates include costs through 2031.

Source: CRFB, POLITICO reporting
Jessie Blaaser and Kelsey Brugger/POLITICO

Estes dados traçam o terreno no qual poderão ser travadas as batalhas legislativas. Mas, no momento atual, também mapeiam o terreno sobre o qual os grupos de interesse devem manobrar enquanto se alinham para a campanha eleitoral que se avizinha.

No caso de Donald Trump entrar, o que está em jogo não são as sutilezas constitucionais, mas o processo de desmantelamento legislativo e administrativo que canibalizará o legado de Joe Biden. Você quer fazer parte desse processo. Você quer estar na sala. Se há uma hipótese de Donald Trump ganhar, e as probabilidades parecem boas neste momento, então, por muito desagradável que Donald Trump possa ser, temos que nos envolver.

As grandes empresas podem viver com regras – o tipo certo de regras. Podem até ficar atreladas a elas. Mas, acima de tudo, os interesses empresariais gostam de um vencedor. Não há nada que detestem mais do que estar do lado dos vencidos. Podem considerar que é de seu interesse defender um processo justo. Mas não contem com eles, se as coisas ficarem difíceis.

***Adam Tooze** é professor de história na Columbia University (EUA). Autor, entre outros livros, de *O preço da destruição* (Record).

Tradução: *Fernando de Lima Neves*.

Publicado originalmente na [newsletter](#) do autor.

**A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.
Ajude-nos a manter esta ideia.**

CONTRIBUA